

REMANESCENTES DE PINGUIM-DE-MAGALHÃES (*SPHENISCUS MAGELLANICUS*, SPHENISCIDAE) EM UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRÉ-HISTÓRICO NO SUL DO BRASIL¹

Jéssica Mendes Cardoso²; Joares May³; Deisi Scunderlick Eloy de Farias⁴; Paulo DeBlasis⁵

¹ Pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Ciências Biológicas/UNISUL da primeira autora sob orientação dos coautores. ² Bióloga, mestranda em Arqueologia (MAE/USP) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (GRUPEP/UNISUL) – jessicamcardoso@live.com. ³ Médico Veterinário, Mestre em Epidemiologia (USP) e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Zoologia e Ecologia de Vertebrados (ZEV/UNISUL) – joaresmay@ig.com.br. ⁴ Pós-Doutora em Arqueologia (UNISINOS) e coordenadora do GRUPEP-Arqueologia/UNISUL – deisiarqueologia@gmail.com ⁵ Doutor em Arqueologia (MAE/USP) e professor livre-docente do MAE/USP – deblasis@usp.br

Eixo temático: Zooarqueologia, Interfaces e Patrimônio Arqueológico

ABSTRACT

This study is based on analysis of Magellanic Penguin remains (*Spheniscus magellanicus*, Sphenicidae) in the archaeological site Galheta IV (dated between 1300 ± 40 and 950 ± 40 CAL BP), located in Santa Catarina, southern Brazil. The site is located in a landscape strongly marked by the presence of shellmiddens (*sambaquis*), but has many elements of Southern Jê material culture. Zooarcheological data are well represented at this site, especially estuarine and marine species, which were found in both dietary and ceremonial contexts of Galheta IV. The presence of *S. magellanicus*, which had never been systematically studied in Brazilian archaeological contexts, seems to represent a significant and symbolic seasonal food resource in association with funeral activities.

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico Galheta IV encontra-se em uma confluência entre duas culturas, pois o sítio se insere harmonicamente em uma paisagem fortemente marcada pela milenar presença dos sambaquis, mas traz elementos tipicamente Jê em sua constituição. Ele está localizado em Laguna, Santa Catarina, sul do Brasil, e possui datações que variam entre 1300 ± 40 e 950 ±

40 CAL AP. Os estudos realizados neste sítio tiveram início a partir do projeto “Sambaquis e Paisagem: modelando a inter-relação entre processos formativos culturais e naturais no litoral sul de Santa Catarina” (FAPESP 2004/11038-0). As escavações foram realizadas em três etapas, entre 2005 e 2007, revelando nove sepultamentos, artefatos líticos, cerâmica Taquara, concreções e grande quantidade de material zooarqueológico.

Este sítio assenta-se sobre um promontório cristalino, a cerca de 50 metros acima do nível do mar, está envolto por uma paisagem de restinga com a presença de dunas, sambaquis e vista para o oceano Atlântico. Sobre o mesmo afloramento encontram-se os sambaquis Galheta I e II fazendo com que o sítio arqueológico Galheta IV esteja geograficamente e historicamente envolvido com a cultura sambaqueira (FARIAS & DEBLASIS, 2007).

Essa pesquisa teve como **objetivo** analisar a presença do pinguim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*) no sítio arqueológico Galheta IV a partir da quantificação dos elementos ósseos por meio dos índices de frequência (NISP e MNI), analisando aspectos tafonômicos e as alterações de superfície óssea, determinando a distribuição dessa espécie no sítio e averiguando a presença de artefatos e adornos confeccionados a partir dos ossos de *S. magellanicus*.

Estudos realizados em Santa Cruz e Rio Negro, Argentina, apontam a presença de *S. magellanicus* em sítios arqueológicos, porém, as marcas de descarte apareceram somente em 2% do conteúdo amostral (CRUZ, 2005; BELARDI et al, 2011; BORELLA & CRUZ, 2012). No Brasil não há estudos específicos sobre a zooarqueologia dos pinguins, os registros arqueológicos que mencionam a presença desta espécie não trazem informações sobre a interação deles com povos pré-históricos (GASPAR 1999; SCHMITZ 2006; ROSA 2006, 2008; KLÖKLER ET AL 2010).

METODOLOGIA

Em campo a pesquisa caracterizou-se pela abertura de diferentes áreas de escavação, as quais foram decapadas em quadras de 1 m², perfazendo um total de 32 m². Para este sítio, foram consideradas duas camadas: a primeira com 50 cm, composta por um sedimento arenoso, de deposição eólica, granulação fina e coloração clara, apresentando, eventualmente, algum vestígio arqueológico, como fauna e cerâmica; a segunda é a camada arqueológica propriamente dita, configurando os elementos que identificam a sua ocupação (FARIAS & DEBLASIS, 2007).

A análises em laboratório ocorreram no GRUPEP-Arqueologia, no qual foram analisadas 1234 amostras, que representa a totalidade do material zooarqueológico resgatado no sítio. O material foi inicialmente higienizado, catalogado e acondicionado em embalagens plásticas do tipo zip com etiquetas referentes as informações de proveniência. Para a identificação das partes esqueléticas de *S. magellanicus* foi elaborada uma coleção de referência com um espécime recente doado para o laboratório.

Os dados foram organizados e tabulados em planilha de *Excel*. Os cálculos de índices de frequência (NISP: número de elementos identificados; e MNI: número mínimo de indivíduos). Para a análise da distribuição dos ossos de *S. magellanicus* no sítio estudado, bem como sua relação com os cerimoniais, como os sepultamentos, foram considerados as camadas, níveis e quadras determinados em campo e registrados nas etiquetas de cada amostra.

Também foi adotada uma metodologia para a identificação de alterações de superfície nos ossos. Essa metodologia consistiu em uma adaptação do que sugere Lyman (1994), Bissaro Júnior (2008) e Reitz e Wing (1999), dentre as quais determinaram a análise de marcas de corte (classificadas em marcas de corte de origem intencionais ou tafonômicas, em região articular e/ou diáfise, múltiplas e/ou seguidas de quebra). Também inferiu-se nos vestígios macroscópicos de queima, como a calcinação (caso a peça encontra-se com coloração esbranquiçada), carbonização e marcas de queima isoladas (sendo considerados carbonizados os ossos que tiverem entrado totalmente em combustão e queimado aqueles que se encontram queimados parcialmente) e sua possível utilização para confecção de artefatos.

RESULTADOS

Verificou-se a presença de elementos ósseos de *Spheniscus magellanicus* em 229 amostras de material zooarqueológico. Foi identificado um total de 444 peças (NISP) e o número mínimo de indivíduos (MNI) foi estimado de 35 indivíduos.

Foram observadas marcas de corte em 178 elementos, representando 40% das peças identificadas. Essas marcas ocorreram mais frequentemente nos ossos dos membros anteriores, representando 52% dos vestígios analisados, seguido pelos elementos ósseos dos membros posteriores com 33%. Além disso, foram encontrados 39 ossos que apresentaram vestígios de queima, sendo 21 calcinados (apresentando coloração esbranquiçada) e 18 carbonizados (apresentando pigmentação escura).

Apesar da distribuição aparentemente homogênea desses vestígios foi possível observar, no entanto, a aproximação dos ossos de *S. magellanicus* com os sepultamentos 2, 4, 6, 7 e 8 (cinco dos oito sepultamentos do sítio).

Não foram identificados quaisquer artefatos ou adornos confeccionados a partir das partes esqueléticas de pinguim-de-magalhães, *Spheniscus magellanicus*, no sítio arqueológico Galheta IV.

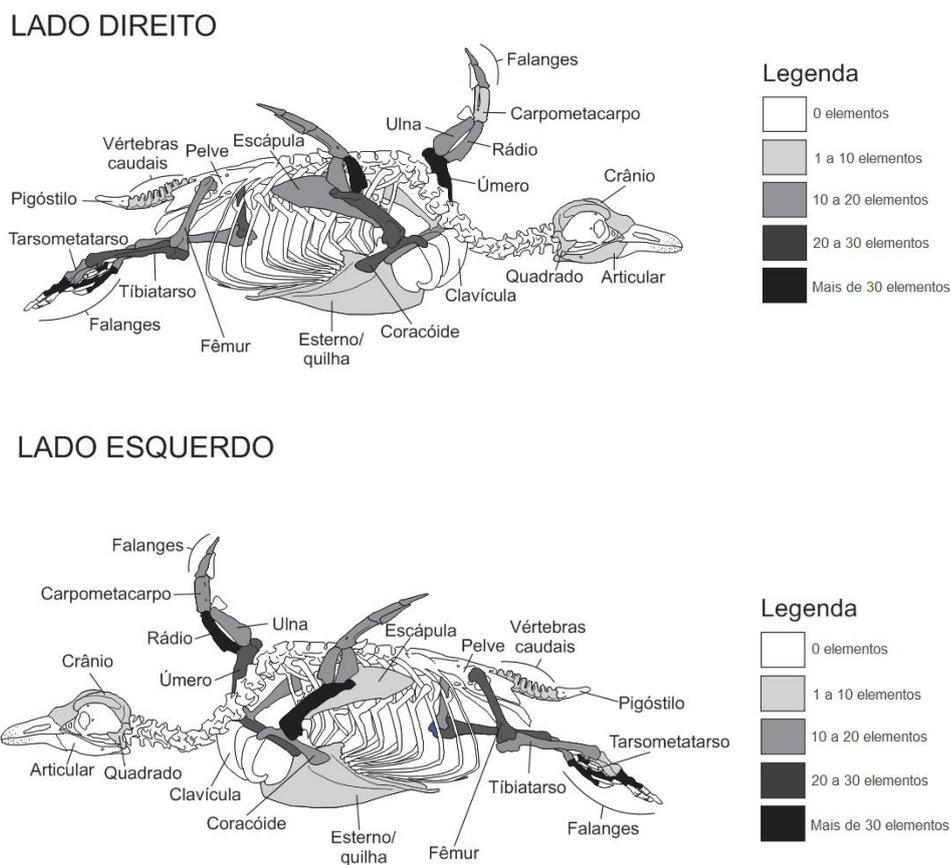


Figura 1 – Representação da frequência das partes anatômicas do pinguim-de-magalhães (*S. magellanicus*) encontradas no sítio Galheta IV.

CONCLUSÕES

Os estudos nesse sítio revelam que sua ocupação ocorreu durante um período longo, entre 200 a 300 anos, indicando que o local era revisitado regularmente para ocasiões cerimoniais. Nessas visitas, a obtenção dos recursos naturais do ambiente marinho e terrestre pode atender não apenas as finalidades fúnebres, mas também às necessidades de subsistência de maneira geral, como sugere a grande quantidade e variedade deles. No entanto, a presença de aves aquáticas e mamíferos característicos dos meses de inverno sugere a utilização do sítio de forma circunstancial e estacional.

As marcas encontradas nos ossos de *S. magellanicus* aponta para o processamento *in situ* dos animais para a retirada de tecido e músculos, prática esta aparentemente inserida no contexto cerimonial, tendo em vista a vinculação relacional dos vestígios de fauna com os sepultamentos indicada acima.

Por fim, deduz-se que, tendo em vista a migração do *S. magellanicus*, as populações Jê do Sul estavam no litoral no período entre inverno e primavera, época de ocorrência dessa espécie na região. Observa-se, ainda, que há no sítio uma quantidade significativa de outras espécies faunísticas subtraída do ambiente marinho, como peixes, cetáceos, pinípedes e aves. Essa oferta abundante de alimentos sugere que, para além das motivações associadas às práticas funerárias, pode muito bem haver razões de ordem econômica para a presença estacional dos Jê nesse pontão rochoso isolado do continente.

REFERÊNCIAS

- BELARDI, J. B.; CARBALLO, F.; L'HEUREUX, G. 2011 Nuevos resultados arqueológicos en Cabo Vírgenes (Santa Cruz, Argentina): el sitio Cabo Vírgenes 20. Chile, Magallania vol. 39(2), p. 279-292.
- BORELLA, F. & CRUZ, I. 2012 Taphonomic evaluation of penguin (Spheniscidae) remains at a shell-midden on the northern coast of Patagonia (San Matías Gulf, Río Negro, Argentina). Quaternary International 278, p. 45-50.
- CRUZ, I. 2006 Los restos de pingüinos (Spheniscidae) de los sitios de Cabo Blanco (Santa Cruz, Patagonia Argentina). Análisis tafonómico y perspectivas arqueológicas. Intersecciones en Antropología 7, p. 15-26. Argentina: UNCPBA.
- FARIAS, D.S.E.; DEBLASIS, P. 2007 Pesquisa Arqueológica no sítio Galheta IV: Campanha 2007. Tubarão: Relatório Técnico Científico (GRUPEP-Arqueologia/UNISUL e MAE/USP).
- GASPAR, M. D. 1999 Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- KLÖKLER, D.; VILLAGRAN, X. L.; GIANNINI, P. C. F.; PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. A. 2010 Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia dos sambaquis do litoral sul catarinense. Revista de do Museu de Arqueologia e Etnologia 20, p. 53-75. São Paulo: USP.
- LYMAN, R L. Vertebrate Taphonomy. Londres: Cambridge University Press. 1994
- REITZ, E. J; WING, E. S. Zooarchaeology. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999.